



Nuno Domingos

Futebol e Colonialismo

Corpo e Cultura Popular
em Moçambique



Imprensa
de Ciências
Sociais

Imprensa de Ciências Sociais



Instituto de Ciências Sociais
da Universidade de Lisboa

Av. Prof. Aníbal de Bettencourt, 9
1600-189 Lisboa - Portugal
Telef. 21 780 47 00 – Fax 21 794 02 74

www.ics.ul.pt/imprensa
E-mail: imprensa@ics.ul.pt

Instituto de Ciências Sociais – Catalogação na Publicação
DOMINGOS, Nuno, 1976-

Futebol e colonialismo : corpo e cultura popular em Moçambique /
Nuno Domingos.

- Lisboa : ICS. Imprensa de Ciências Sociais, 2012
ISBN 978-972-671-292-3
CDU 79



Capa e concepção gráfica: João Segurado
Revisão: Soares de Almeida

Impressão e acabamento: Gráfica Manuel Barbosa & Filhos, Lda.
Depósito legal: 341704/12
1.ª edição: Abril de 2012

Índice

Agradecimentos	13
Prefácio	15
<i>Harry G. West</i>	
Capítulo 1	
Da etnografia do futebol suburbano em Lourenço Marques, por José Craveirinha, a uma ciência das obras	19
Investigar o futebol	25
Capítulo 2	
O corpo no jogo	33
O jogo de futebol enquanto uma «ordem da interacção» e uma economia das práticas e das trocas simbólicas	33
Uma «ordem da interacção» gerida por uma economia das práticas e das trocas simbólicas	40
Um « <i>habitus</i> motor»	42
Relações de homologia	46
Capítulo 3	
O jogo no corpo	49
O futebol enquanto <i>stock</i> de conhecimento social e repertório de interacção	49
Repertório de interacção e laços sociais	53
Narrativas de contacto e participação social	54
Um espaço público específico	56
Capítulo 4	
Uma desportivização colonial	59
Lourenço Marques e o sistema colonial português	59
Práticas de lazer na «cidade de cimento», estratificação e o futebol ..	68
Associações e clubes	72
Jogadores	75
O futebol como espectáculo público urbano	77

Fronteiras sociais	80
A legitimação estatal da discriminação	81
«Uma certa maleabilidade, até para permitir a experiência, o ensaio» ..	88
Narrativas imperiais	91
Gestão social e autonomias políticas	93
Capítulo 5	
O corpo e a cidade do Estado Novo	99
Os exercícios físicos como um instrumento de regulação	102
Criar um « <i>habitus</i> motor» politicamente moldado	105
Os laboratórios do movimento ortodoxo	108
O desporto fora do Estado: corrigir os movimentos heterodoxos ..	112
Um modelo em adaptação	116
Capítulo 6	
O futebol no subúrbio de Lourenço Marques	119
O processo de disseminação das práticas desportivas	119
Jogos de bairro	121
A institucionalização do futebol suburbano	124
Controlo político	130
Assimilação e elites intermediárias	132
O espectáculo do subúrbio para o subúrbio	135
Novas sociabilidades	140
Uma fronteira	143
Capítulo 7	
Uma ordem da interacção suburbana	145
Um <i>habitus</i> motor local	145
Da lei do futebol, da violência e da doença	146
Violência	150
Doença	153
Depuração desportiva	155
O futebol como problema social	156
Interpretar a violência	158
A memória do desempenho	161
O público como elemento de um desempenho colectivo	163
Um sentido de jogo e de fronteira e o factor medo	165
A segunda natureza da malícia	168

Capítulo 8	
A construção social da malícia e o subúrbio	
de Lourenço Marques	173
Uma genealogia da experiência urbana no subúrbio	
de Lourenço Marques	174
Uma ordem da interacção urbana	177
Pensar a gestão social	180
Intervir sobre o espaço do subúrbio	184
Os fundamentos de um <i>habitus</i> suburbano	187
Condições urbanas	191
Malícia enquanto sentido prático e capital simbólico	195
De regresso à ordem da interacção no jogo	196
Construindo uma comunidade	200
Capítulo 9	
As práticas feiticistas como elemento de uma economia	
simbólica	203
O <i>vovô</i>	205
A arte do <i>vovô</i>	208
O efeito da crença nos corpos	210
O mercado do <i>vovô</i> : especialização, rivalidades e eficácia	213
O <i>vovô</i> nunca falha	215
Protecção e direito comunitário	217
O <i>vovô</i> como fonte de narrativas locais: a história do relógio	
e a manipulação da modernidade	218
Os heróis da comunidade	220
A periferia invade o centro	221
A universalidade do <i>vovô</i> : o feiticeiro húngaro	224
Capítulo 10	
Doçura e velocidade: a tática como desencantamento	
do mundo	227
Tática e corpo	227
A mentalidade tática	230
A criação de uma ordem da interacção eficiente	233
O WM: fundamentos da racionalização do futebol	239
A circulação do WM e a sua chegada a Lourenço Marques	243
A tática no subúrbio	248

Um outro <i>association</i> , uma outra comunidade	252
O «baile» enquanto capital simbólico	253
A doçura e a velocidade: o desencantamento do mundo	254
A profissionalização e os grandes intérpretes moçambicanos	256
Capítulo 11	
Narrativas futebolísticas e rituais sociais	259
Cultura popular e transformação social na última fase do colonialismo português	259
O futebol como decadência cultural	259
A doença nas redes	260
Os pioneiros e o efeito de representação	263
Vínculos triplos	266
Os <i>media</i>	269
Integração e subalternização de uma narrativa mediática	271
Narrativas radiofónicas	273
Representar comunidades	276
Transformações políticas e económicas	278
Dinâmicas espaciais e mobilidade social	279
Interdependências, <i>performances</i> e rituais sociais	284
O que sucedeu à narrativa suburbana?	286
A nobilitação dos jogos de bairro	289
Capítulo 12	
História incorporada	295
Referências	301
Bibliografia	303
Índice remissivo	315

Índice de mapas e figuras

Mapas

4.1	Moçambique: a capital, Maputo (antiga Lourenço Marques), está situada no Sul	60
4.2	Lourenço Marques em 1876: primeiro núcleo de ruas ainda rodeadas pelo pântano	61
4.3	Lourenço Marques em 1903: a estrutura da «cidade de cimento»	61
6.1	Lourenço Marques e os seus subúrbios em 1915: uma das primeiras representações que incluem os subúrbios	123
8.1	Lourenço Marques em 1940. Neste mapa é possível observar a representação de algumas estradas e caminhos suburbanos e à esquerda, em cima, a forma concêntrica do bairro indígena	185

Figuras

4.1	Estudantes da Mocidade Portuguesa de Moçambique em Lourenço Marques	84
4.2	Capa do <i>Boletim da Mocidade Portuguesa de Moçambique</i>	85
5.1	Exercício do método sueco de educação física	107
5.2	Planta de um ginásio moderno	109
5.3	Existem óbvias semelhanças entre a planta de um ginásio moderno e a representação da estrutura geométrica da «cidade de cimento» em Lourenço Marques	109
10.1	Capa do livro de Cândido de Oliveira <i>Football, Técnica e Tática</i>	236
10.2	Triângulos dominantes no jogo de passe curto	237
10.3	As passagens dominantes no jogo de passe largo	237
11.1	Mário Coluna, Vicente Lucas e Juca, Mário Coluna e Matateu	273
11.2	Cinco anos depois de deixar o subúrbio de Lourenço Marques, Eusébio era o exemplo de uma trajetória fulgurante de mobilidade social	283

Agradecimentos

Diversas pessoas e instituições foram cruciais para a elaboração da tese de doutoramento que serviu de base a este livro e ao trabalho de reescrita que resultou na sua versão publicada.

Gostava de agradecer a Harry West o excelente trabalho de supervisão de que usufruí e o ambiente aberto de discussão que sempre partilhámos. Estou ainda a grato ao professor John Peel, que também acompanhou a produção da tese, ao Departamento de Sociologia e Antropologia da School of Oriental and African Studies da Universidade de Londres, que me proporcionou as condições sem as quais não seria possível ter desenvolvido este projecto, e aos meus colegas de doutoramento Paul Hansen, Mao Wada, Alex Verbeek, Mira Moshini, Robert McKenzie e Dorota Szawarska. Beneficiei ainda de forma significativa das propostas de alteração e das críticas que recebi, durante a minha defesa de tese, dos professores Deborah James e João de Pina Cabral.

Estou particularmente agradecido a Nelson Teixeira e Miguel Pinheiro pela assistência que me proporcionaram durante a minha estada em Moçambique. Aí contei ainda com a colaboração preciosa de Humberto Coimbra, Natu Harilal, Carolina Leia, Teresa Cruz e Silva, Aurélio Rocha, Renato Caldeira e Fátima Mendonça e do pessoal do Arquivo Histórico de Moçambique, do Ministério da Juventude e Desportos de Moçambique e da Universidade Eduardo Mondlane.

As leituras críticas e atentas e as sugestões de Bárbara Direito, Frederico Ágoas, Inês Brasão, Isaura Domingos, Jorge Domingos, José Neves e Rahul Kumar foram decisivas para este resultado final.

Gostava ainda de agradecer, por diferentes mas importante razões, ao Diogo Ramada Curto, João Paulo Oliveira, Tom Herre, Sofia Miranda, Paulo Catrica, Isabel Pombo, Diana Félix da Costa, Eduardo Ascensão, Miguel Jerónimo, Nuno Dias, Rui Santos, José Mapril, Pedro Martins,

Victor Pereira, Cláudia Castelo, Fernando Domingos, Alfredo Margarido, Nina Tiesler, Pancho Guedes, Salwa Castelo-Branco, José Sobral, Onésimo Teotónio Almeida, Pedro Roxo, João Fazenda, Raquel Borges, João Pedro George, Roberto Chichorro, Inês Galvão, Nuno Medeiros, Clara Cabral, à Biblioteca Nacional de Lisboa e ao Socinova. Por fim, gostava de agradecer à Imprensa de Ciências Sociais, que acolheu a publicação deste projecto.

Sem o contributo de todos os antigos jogadores e treinadores de Mafra que tive a oportunidade de conhecer, este trabalho não teria sido possível.

Harry G. West*

Prefácio

A perspectiva de conjunto é por vezes melhor apreendida nos mais pequenos detalhes. De acordo com Thomas Hylland Eriksen, a importância da antropologia reside precisamente na habilidade para examinar «grandes questões» em «lugares pequenos».¹ É exactamente isso que Nuno Domingos consegue em *Futebol e Colonialismo. Corpo e Cultura Popular em Moçambique*.

À primeira vista, este trabalho é sobre futebol e o modo como era praticado em Lourenço Marques – a maior cidade e centro administrativo da colónia portuguesa de Moçambique – na primeira metade do século XX. O trabalho interpreta o desenvolvimento do jogo desde a fundação dos primeiros clubes formados por expatriados ingleses, passando pela organização em Moçambique de filiais de clubes metropolitanos, como o Sporting e o Benfica, até à abertura destes clubes a membros de uma elite africana, a maior parte deles mestiços, e à criação da Associação de Futebol Africana, com jogadores, na sua maioria, provenientes das classes trabalhadoras africanas que viviam na periferia pobre da cidade onde estes jogos decorriam.

Os historiadores do futebol irão, com certeza, ficar interessados em aprender algo mais sobre o contexto que produziu talentos como Mário Coluna ou Eusébio, ambos figuras maiores do futebol europeu em meados do século XX. E a reivindicação de que o futebol é um – senão o – desporto mundial será apenas reforçada pelas descrições do entusiasmo com que os moçambicanos, de diferentes origens, abraçaram o jogo há tantos anos. O trabalho de Nuno Domingos vai, no entanto, muito além de uma narrativa histórica da disseminação de um jogo europeu (na sua versão moderna) numa colónia africana. A sua «grande questão» é a relação entre o colonizador e o colonizado concebida desde o jogo de futebol.

* Professor de Antropologia SOAS, Universidade de Londres.

¹ Thomas Hylland Eriksen, *Small Places, Large Issues: An Introduction to Social and Cultural Anthropology* (Pluto Press, 1995).

Deste modo, esta investigação baseia-se e dá continuidade a uma tradição das ciências sociais que tem vindo a produzir, no domínio dos estudos africanos, resultados relevantes nas últimas décadas: o estudo da «cultura popular». Até à data, os estudos da cultura popular africana focaram-se sobretudo nas artes, na escultura, na pintura, na música, na dança, na literatura, no cinema e no teatro. Estes trabalhos tornaram visível a interacção dinâmica entre tradição e modernidade no continente africano, destacando os meios pelos quais as formas africanas de expressão se articularam com a experiência vivida dos processos históricos que ligaram o continente a um mundo mais largo, do colonialismo até ao nacionalismo revolucionário, ao socialismo e ao neoliberalismo. Através destes processos, os africanos adoptaram e adaptaram géneros expressivos para os seus próprios fins e, como este trabalho demonstra, contribuíram profundamente para as trajectórias globais destas diversas formas.

O próprio Nuno Domingos adopta e adapta os estudos da «cultura popular» para perseguir os seus objectivos neste trabalho. Fazendo-o, estende a abordagem a uma área ignorada com demasiada frequência por historiadores e cientistas sociais, o desporto. Ao observar a forma como o futebol era jogado no Moçambique urbano por intermédio do enquadramento conceptual do *genre* põe de parte a asserção de que o jogo – definido como é por um conjunto de regras – viaja inalterado de um contexto social para o outro. Tal como as artes, o trabalho mostra-nos que o futebol foi transformado por aqueles que o praticaram em locais como o Moçambique colonial. Mas não é a transformação do jogo em si mesma que mais interessa a Nuno Domingos. Ele está, sobretudo, mais interessado nas «grandes questões», isto é, em saber como o jogo transformou, ou não, aqueles que jogavam neste contexto colonial e em como foram, ou não, capazes de usar o jogo para transformar o mundo em que viviam.

O pouco que se tem escrito sobre desporto em contexto colonial tende a focar-se no seu uso como instrumento de poder. Ao jogar – ou sendo compelidos a jogar – os jogos dos colonizadores, defende-se que os corpos dos colonizados foram disciplinados e as suas mentes orientadas em direcção a novas ideias, tais como a «competição estruturada», o *fair play* e o «Estado de direito». O trabalho de Nuno Domingos demonstra claramente que, em certa medida, o regime colonial português concebeu o desporto, nomeadamente o futebol, como uma forma de «civilizar». Demonstra também, no entanto, que este não foi um projecto inteiramente bem sucedido. O modo como os moçambicanos urbanos jogaram futebol permitiu-lhes exprimir e reforçar as suas formas de estar

no mundo, em parte para se transformarem a si próprios, numa tentativa de acederem a um universo que quase sempre os excluía.

A utilização neste livro dos textos do poeta e jornalista protonacionalista José Craveirinha – que escreveu sobre o futebol praticado nos bairros suburbanos da «cidade de caniço» – proporciona aos leitores um aprofundamento acerca do modo como o jogo foi praticado pelos africanos da classe trabalhadora, inclusivamente sobre os detalhes mais ínfimos, tais como os termos que designavam a *performance*, os gestos físicos e as disposições morais que animavam jogadores e público nos inúmeros «pequenos lugares» onde se encontravam. Em campos improvisados, no meio dos subúrbios sujos e sobrepopoados que rodeavam a «cidade de cimento», o humor, a criatividade, a dissimulação e a violência faziam parte do jogo, tal como faziam parte da vida de todos os dias dos residentes destes bairros sob domínio colonial. Ao jogar futebol desta forma, os habitantes destas «ruas perigosas» submetiam-se às regras do futebol e simultaneamente desafiavam-nas, resistindo ao poder colonial e procurando capturá-lo. O reconhecimento e a exploração pelo autor de paradoxos como estes sustentam uma narrativa histórica de rico e subtil detalhe.

Nestas páginas o futebol não é apenas um jogo, mas a peça-chave de um quadro vivo cujas personagens principais têm até ao momento sido insuficientemente estudadas. Assim sendo, o trabalho de Nuno Domingos não só identifica as peças em falta na visão de conjunto da história portuguesa e moçambicana, para não falar da história do futebol, como oferece uma perspectiva excepcionalmente pormenorizada da experiência vivida do colonialismo português em Moçambique – permitindo comparações com experiências semelhantes noutros contextos – ao mesmo tempo que nos alerta para as inúmeras e muitas vezes contraditórias potencialidades do desporto enquanto meio para moldar as subjectividades humanas.

Capítulo 1

Da etnografia do futebol suburbano em Lourenço Marques, por José Craveirinha, a uma ciência das obras

Em 1955, José Craveirinha, poeta e jornalista moçambicano,¹ escreveu no jornal *O Brado Africano*² dois artigos sobre o futebol praticado nos subúrbios de Lourenço Marques. No primeiro, intitulado «O negro, o desporto e o feiticismo», aludiu ao modo como o jogo, uma invenção europeia, havia sido adoptado pelos jogadores suburbanos (Craveirinha, 22-1-1955, 8). A presença no futebol local do que designou por «práticas feiticistas» revelava-se uma das dimensões mais evidentes desta adopção, especificamente focada no artigo. A exploração do tema conduziu-o a lançar um desafio: «que tremendo estudo, essas manifestações não estão pedindo para um melhor conhecimento do negro, seus problemas, seus choques com a civilização europeia, enfim, todo um tratado de etnografia útil e instrutivo» (id., *ibid.*).

¹ José João Craveirinha nasceu em Lourenço Marques em 1922. Poeta consagrado, jornalista, colaborou em diversas publicações periódicas, nomeadamente em *O Brado Africano*, no *Itinerário*, no *Notícias*, na *Mensagem*, no *Notícias do Bloqueio* e no *Calibán*. Nestas colaborações, o desporto foi um dos seus temas mais recorrentes. Foi funcionário da Imprensa Nacional de Lourenço Marques. Jogou futebol em clubes de Lourenço Marques. Foi preso pela polícia política do Estado Novo (PIDE) e ficou encarcerado durante cinco anos. Após a independência de Moçambique foi membro da Frente de Libertação de Moçambique (Frelimo) e presidiu à Associação Africana. Foi Prémio Camões em 1991. É um dos mais reconhecidos poetas da língua portuguesa e um dos maiores escritores africanos. A sua primeira obra, *Xibugo*, data de 1964.

² Jornal fundado em 1918 no âmbito da política do associativismo africano local, cujas acção e influência serão avaliadas mais aprofundadamente ao longo deste trabalho.

Craveirinha, nas páginas de *O Brado Africano*, iniciou, ele próprio, este trabalho. A sua «etnografia» do futebol suburbano deve ser interpretada no contexto de um debate desenvolvido à época, de carácter transnacional, sobre «as qualidades das raças», nomeadamente sobre a relação da «pertença racial» com a acção humana. Em Lourenço Marques, *O Brado Africano* e o seu antecessor, *O Africano* (n. 1908), promoveram militantemente esta discussão, que se constituía como um espaço de referências, retóricas e discursos a partir do qual se permitia a uma elite africana confrontar as políticas da administração colonial (Neves 1989; Rocha 2002; Zamparoni 1998) num registo progressivamente eufemizado e à medida que o sistema colonial se tornou mais repressivo e em muitos casos integracionista (no sentido de: «nós também merecemos fazer parte da nação portuguesa»). Ao introduzir o futebol no debate, Craveirinha usou-o como elemento de análise da «capacidade do africano», sinal de demonstração da sua habilidade natural, mas também da competência em adoptar e reinventar o jogo europeu.³ O elogio ao jogador do subúrbio autorizava o poeta a escapar à fatalidade de discutir a «evolução do moçambicano» com base nos critérios de «modernidade» impostos pelo sistema de assimilação colonial português: a posse de uma educação escolarística, nacionalista e católica, a ocidentalização das formas de ser e de estar, o modo de vestir, de habitar, de comer, a aquisição de uma ética de trabalho, a inclusão numa economia de mercado e a imperiosa rejeição de costumes e tradições (Henriques 1999, 225-229).

A «etnografia» do jogo prosseguida por Craveirinha assumia uma deriva original no âmbito da sua agenda política. Inspirado nas ideias de Senghor, o poeta considerava o futebol suburbano, como outras actividades locais, um exemplo de troca: os moçambicanos não deveriam abdicar «de uma cultura indígena, nem renegar uma corrente europeia [...]» (Craveirinha, 6-11-1954, 6); como denunciou numa das recorrentes polémicas travadas com elementos de uma pequena burguesia mestiça e negra de Lourenço Marques, o snobismo desvalorizador das tradições locais corroía a aspiração de miscigenação cultural (id., *ibid.*). A adopção do futebol pelo africano evidenciara, em primeiro lugar, a aptidão para aceitar

novas actividades e técnicas. Comprovando a sua humanidade, tal competência não se manifestava apenas pela faculdade de adopção: o africano acrescentou algo ao jogo do europeu, transfigurou-o e recriou-o. Dois meses depois do artigo sobre a relação do futebol suburbano com as «práticas feiticistas», Craveirinha, continuando a investigar o «jogo africano», procedeu à análise de um conjunto de termos em ronga, língua do Sul de Moçambique, que designavam situações do jogo de futebol para as quais não existiam expressões em português. Num artigo de jornal («Terminologia ronga no futebol, em conjugação oportuna e sua interpretação») referiu: «Parece-nos oportuna a divulgação da gíria futebolística do africano local (ronga) não só porque ela revela da parte do indígena um espírito pronto para se adaptar a coisas novas como também para transformá-las ou então redescobri-las» (Craveirinha, 12-2-1955, 8). No artigo sobre as denominadas «práticas feiticistas», o poeta iniciara a análise destes termos, destacando aqueles que traduziam o humor do intérprete local, elemento distintivo no futebol suburbano: «O seu sentido de humor reflecte-se na alegria do jogo, teatralidade nas fintas e dribles e expressões que usa para amesquinhar chocarreiramente o jogador que acaba de ser iludido: «pysonho», «psyêtu», etc. (leia-se psonho e psêto), termos onomatopéicos que só ali se aplicam» (Craveirinha, 22-1-1955, 8).

A presença do humor no jogo suburbano, considerava José Craveirinha, distinguia esta actividade desportiva de outras concepções de práticas físicas: «esses agregados de côr inebriam-se com a prática do desporto mas não como uma actividade de revigoração físico; abstraem-se até desse conceito restritivo» (id., *ibid.*). Historicamente, o projecto de transformação do desporto num mecanismo de «revigoração físico» desenvolvera-se na Europa pela tentativa de institucionalização estatal de uma dinâmica de contornos mais largos, típica das sociedades industrializadas e urbanas onde se expandiram novas práticas de lazer. O movimento desportivo de carácter nacionalista, higienista, pedagógico e por vezes pré-militar que se desenvolveu a partir do século XIX tomou a forma de modelos organizados de revigoração físico (Weber 1971; Gutmann 1994; Psfister 2003). O desporto submetia-se a um projecto civilizador, inicialmente mobilizado para educar as classes populares europeias, sobretudo as proletarizadas e urbanizadas, e integrá-las dentro da dinâmica moral e produtiva da nação. A expansão imperial estimulou a formação de escolas de educação física, locais de instrução de quadros coloniais, preparados para servir os interesses estatais. De acordo com José Craveirinha, o futebol do subúrbio de Lourenço Marques afastava-se destas práticas e dos seus princípios morais.

³ A divisão entre o africano e o europeu é uma das mais poderosas formas de classificar os grupos humanos que estiveram envolvidos no encontro colonial. É conhecida, porém, a insuficiência desta classificação, desestruturada por um conjunto de processos históricos que dão origem a outras classificações muitas vezes sobrepostas: indígena, negro, moçambicano, natural, etc. De acordo com os contextos de acção presentes ao longo deste trabalho, procurar-se-á utilizar o termo que melhor permita descrever, em determinada ocasião particular, o grupo a quem o substantivo se refere.

Em alguma da sua prosa jornalística, o poeta optou por justificar a especificidade do jogo suburbano e a competência e engenho do africano recorrendo a critérios essencialistas. Decorrente das condições particulares do debate sobre as «qualidades das raças», esta argumentação estorvava uma prometedora agenda de investigação. A predisposição do jogador negro para adoptar o futebol, salientou, podia

atribuir-se não só aos méritos de resistência e elasticidade com que a natureza dotou grande contingente de raças negras, mas também de um estranho e invulgar poder de captação e improvisação em que o senso instintivo menos embotado que no ocidental, no africano ocidentalizado se revela exuberantemente. O negro vive – e com que calor! – determinada modalidade desportiva, entregue a uma vibração sensorial muito rara em outros grupos racionais [Craveirinha, 22-1-1955, 8].

A naturalização do corpo do africano conferia-lhe um conjunto de predicados físicos e psicológicos. A relevância concedida à improvisação e ao humor procurava, no terreno das essências, combater imagens do africano enquanto ser incivilizado, grosseiro e instintivo, forte, mas pouco inteligente, que haviam sido reificadas pelo poder colonial português e vertidas de modo cruel na ordem da interacção que caracterizava as situações de contacto entre colonizadores e colonizados numa cidade como Lourenço Marques.⁴ Fora precisamente a necessidade de enfrentar esta condição civilizacional «atrasada» que legitimara no terreno da retórica a ocupação colonial e a instauração de sociedades discriminatórias, «fardo do homem branco», que ocultavam as políticas de exploração do trabalho indígena.

A análise de Craveirinha excedia em muito, no entanto, extrapolações essencialistas.

Ao reflectir acerca da relação do futebol com as «práticas feiticistas», Craveirinha salientou a influência de «velhos tabus, crenças, superstições» no processo de disseminação do futebol no subúrbio de Lourenço Marques (Craveirinha, 22-1-1955, 8). Estas crenças exerciam um efeito poderoso sobre «o sistema de reflexos» dos jogadores (id., *ibid.*). Contava-se no subúrbio que o Beira-Mar, equipa do Bairro de Chamanculo, ganhara durante vários anos o campeonato da Associação de Futebol Africana

(AFA) porque «antes dos jogos os atletas bebiam um chá especial em casa do presidente e a determinada altura surgiam por detrás da baliza do adversário um certo número de corvos, pretos e brancos, que indicavam quantos golos o adversário sofreria» (id., *ibid.*). «Os negros e muitos mistos», prosseguiu o poeta, «ainda vão para o campo com pequenas moedas de ‘cobre’ metidas nas botas ou esfregando os joelhos com certos «medicamentos» para proteger o corpo contra os encantamentos do adversário» (id., *ibid.*). Os africanos, constatou, aceitavam «gostosamente, um sem-número de imposições e usos de civilização mais adiantada», mas, simultaneamente conservavam um conjunto de práticas tradicionais, consequência do modo «como viam o mundo» (id., *ibid.*).

O encontro cultural que Craveirinha se propunha descrever não era sereno nem harmonioso. No futebol manifestaram-se, segundo o poeta, «mil e uma importâncias quotidianas» e «problemas anímicos, perturbadoramente chocantes», que abalavam os habitantes do subúrbio (id., *ibid.*). Nos corpos dos jogadores, nos seus reflexos motores, mas também num conjunto de práticas que envolviam o jogo, exteriorizaram-se visões do mundo criativas mas também perturbadoras.

*

A adopção de práticas desportivas em Lourenço Marques era um elemento particular de um processo de troca maior, profundamente desigual, que afectou as condições de existência das populações moçambicanas. A introdução e adopção do jogo de futebol no subúrbio de Lourenço Marques exprimiu assim uma experiência histórica singular, ou, na conhecida expressão de Balandier, uma mesma «situação colonial» (Balandier 1951).

Na história urbana em África, cidades coloniais como Lourenço Marques constituíram-se, em particular a partir do último quartel do século XIX, como um caso particular de organização social. Vértice de uma rede de relações económicas transnacional dependente de decisões tomadas pelos centros políticos metropolitanos e pelos mercados de bens internacionais, a cidade colonial apresentava uma especialização funcional enquadrada por leis e instituições diversas; a sua fundação implicou um reforço da ocupação militar e dos meios coercivos, a organização de uma máquina administrativa, a formulação de leis reguladoras dos direitos, deveres e movimentos de populações entretanto excluídas de uma cidadania europeia e o advento de um regime de exploração económica, concentrado na reprodução da mão-de-obra, que integrou nas redes de comércio e produção mundial mercadorias e trabalhadores africanos. As cidades co-

⁴ Sobre os preconceitos nas representações do negro em contexto colonial, v. Henriques (1999), Alexandre (1999), Margando (2000), Castelo (2001), Matos (2006) e Jerónimo (2010). Sobre o negro em Portugal, v. Henriques (2009).

loniais diferenciavam-se entre si pela posição funcional num conjunto de relações comerciais e produtivas, pelo enquadramento proporcionado pelo sistema político e pelo grau de intervenção da máquina estatal, pela estratificação social e profissional, pela estrutura demográfica e pela composição étnica. Integrando um processo amplo de reconfiguração das relações sociais, as diversas cidades coloniais apresentavam dinâmicas peculiares.⁵

Na urbe colonial africana, a imposição de uma segregação social de teor racista deu origem a espaços urbanos divididos entre o centro europeu e o subúrbio africano. O desenvolvimento de uma especialização funcional registou uma etapa decisiva a partir da década de 30, e sobretudo depois da Segunda Guerra Mundial, quando a necessidade de matérias-primas e de mão-de-obra barata desencadeou uma explosão demográfica (Coquery-Vidrovitch 1991, 49). Muitos africanos foram então inseridos na dinâmica da economia capitalista, tornando-se operários, empregados, mas também consumidores, participantes numa cultura urbana em crescimento. Em condições particulares, habitaram uma cidade que em grande medida construíram. Local de reinvenção linguística, religiosa, cultural, a cidade, pela especificidade das suas relações sociais e espaciais, gerou novas relações de cooperação e conflito, novas práticas e formas de ver o mundo.

Símbolo do último período do colonialismo português em Moçambique, o crescimento de Lourenço Marques representou, de modo singular, o advento deste processo. Uma dimensão desta singularidade, no quadro mais vasto do domínio português em África, caracterizado por uma frágil territorialização do poder, pela insuficiência de capital, de conhecimento e de recursos humanos, relacionava-se com a dependência de uma economia regional dominada pela África do Sul e, mais a norte, pela Rodésia. Esta posição conferiu-lhe uma funcionalidade económica específica, condicionando o sistema de reprodução de mão-de-obra e o tipo de intervenção de um Estado predador.

No subúrbio desta cidade, erguido pela persistência das suas populações, desenvolveu-se o futebol que Craveirinha desejava estudar.

⁵ Esta variedade urbana tornou-se um dos eixos de desenvolvimento dos estudos das cidades coloniais e pós-coloniais em África, motivo para a realização de investigações comparativas centradas em múltiplos aspectos, desde o tipo de estrutura produtiva, até à recomposição étnica, passando pela dimensão legal e jurídica. A este propósito, v. os estudos clássicos de Epstein (1967), Cooper (1983), Mitchell (1987), King (1990), Coquery-Vidrovitch (1991) e Freund (2007).

Investigar o futebol

Numa passagem da sua introdução ao livro *A Busca da Excitação*, Norbert Elias referiu:

A observação das condutas num jogo de futebol pode ser um contributo valioso como introdução para se compreender tais termos [configuração social ou processo social] enquanto interligações de planos e acções. Cada equipa pode ter planeado a sua estratégia de acordo com o conhecimento que produz de si própria e das competências técnicas e pontos fracos dos seus opositores. Todavia, no decurso do jogo, produzem-se, com frequência, configurações que não foram intencionais ou previstas por cada um dos lados. De facto, o modelo dinâmico formado pelos jogadores e bola num jogo de futebol pode servir como explicação gráfica não só do conceito de «configuração social» mas, também, do conceito de «processo social». O processo do jogo é exactamente este: uma configuração dinâmica de seres humanos cujas acções e experiências se interligam continuamente, representando um processo social em miniatura [Elias 1992a, 86-87].

A sociedade em miniatura do campo de futebol enunciava um conjunto de oportunidades de interpretação da dinâmica de processos estruturais de longa duração. A investigação de uma actividade situada, composta por acções e interacções ordenadas e inteligíveis, criava um centro a partir do qual se poderia tecer uma narrativa de explicação histórica. Os gestos e movimentos dos jogadores de futebol do subúrbio de Lourenço Marques sugeriam uma leitura da situação colonial.

A experiência imperial inglesa suscitou a avaliação do papel do desporto enquanto instrumento de dominação cultural.⁶ James Mangan mencionou a formação de um «laço cultural» que afectou as «culturas indígenas», as relações políticas e as percepções dos governados sobre os governantes, e vice-versa (Mangan 1992, 3-4). Eixo curricular da selecção de quadros coloniais nas *public schools*, lugar da educação do carácter e das virtudes viris, os jogos desportivos, no contexto colonial britânico, transmitidos às elites locais pela escola e pelas missões religiosas, procuravam domesticar os corpos e instituir uma ordem cultural. Esta perspectiva coadunava-se com o estudo das formas hegemónicas de dominação, disciplina e regulação dos corpos e das consciências que habitavam a empresa cultural do colonialismo e que complementavam

⁶ Vários autores, estudando contextos diferentes, referiram-se a estes processos de instrumentalização (Mangan 1987 e 1992; Kirk-Green 1987; Stoddart 1988; Guttmann 1994; Bale e Sang 1996; Badenhorst e Mather 1997; Nauright 1997).

as formas de poder económico, político e militar (Cohn 1996; Comaroff e Comaroff 1991, 313). No contexto africano, o espaço de lazer foi objecto de inúmeras tentativas de regulação e controlo, cobijado pela acção de educadores, agentes religiosos, políticos e negociantes, que pretendiam gerir as populações de acordo com os seus interesses. Numa fase particular da conquista colonial, a análise do desporto possibilitava o exame da morfologia do poder, tanto da sua matriz mais coerciva e explicitamente instrumental como das mais subtis políticas de produção de consentimento e hegemonia que enquadraram modalidades de dominação económica e política. Estas perspectivas focaram os projectos e as intenções dos poderes coloniais, as instituições do Estado, local e metropolitano, a sua ligação com a produção de saberes e conhecimento e a relação destes mecanismos de dominação com os diversos interesses envolvidos na gesta imperial.

Outras investigações, diversificando os métodos, os conceitos e as escalas de análise, mas sem abdicarem da análise das relações de poder, apontavam para leituras distintas do fenómeno desportivo na África colonial. Nem coerentes, nem homogéneos, os projectos coloniais revelavam contradições e inconsequências; as instituições cediam a grupos de interesses que subvertiam intenções anunciadas e retóricas oficiais; a grandeza dos discursos contrastava com a carência de meios e a incapacidade de aplicar medidas legislativas e programas institucionais. Manipulações e apropriações realizadas por distintos grupos sociais, nomeadamente os subordinados, activos criadores da sua história, foram desvendadas por estudos concentrados nos contextos de recepção. A circulação de ideias, objectos, hábitos e técnicas originou adaptações e recriações; a cultura popular urbana foi um espaço privilegiado para a ocorrência destas trocas (Coplan 1979; Barber 1993; Hannerz 1997). O processo de desportivização em África, dependente do processo colonial, resultou de uma dinâmica de difusão heterogénea, não limitada à iniciativa e controlo de instituições estatais ou económicas (Vidacs 2006 e 2010). Mesmo no caso inglês, onde o domínio sobre os dispositivos culturais de regulação seria mais extenso, a disseminação desportiva foi heterodoxa. O futebol, por exemplo, não se integrava, na tradição dos jogos de elites (como o críquete, o pólo e mesmo o rãguebi, mas também o ténis, o *squash*, o badminton), no currículo dos quadros coloniais formados em Cambridge e Oxford. Como notou Perkin, as bolas de futebol viajaram menos nas malas de diplomatas, administradores e missionários do que de soldados, pequenos negociantes, trabalhadores do caminho-de-ferro e professores (Perkin 1992, 216; Hutchinson 1996, 178-179).

A pesquisa das práticas desportivas modernas⁷ na África colonial permitia aceder às lutas de indivíduos e populações e interpretar o modo como, num contexto de dominação radical, procuravam construir as suas formas de vida (Ranger 1987; Martin 1995; Fair 2001; Vidacs 2006); esta perspectiva adequava-se a análises do processo de urbanização em África empenhadas em recuperar as práticas e representações dos grupos subordinados (Cooper 1983), autores da sua história, e interpretar a sua «economia moral» (Thompson 2008 [1971]) e as estratégias que transformavam e pressionavam as estruturas de dominação (Scott 1985 e 1990).⁸ O associativismo desportivo, por exemplo, negligenciado desde os primeiros estudos que se debruçaram sobre o papel das associações na inserção dos africanos rurais no mundo urbano (Little 1957; Parkin 1966), ajudou a consolidar uma cidadania alternativa.⁹

O estudo do corpo e da sua expressividade, como o comprovaram trabalhos clássicos sobre a dança em África (Mitchell 1956, Ranger, 1975), proporcionava a articulação da observação situada com o exame de tendências históricas.¹⁰ Um dos méritos dos textos de Craveirinha sobre o fu-

⁷ Embora alguns autores tenham encontrado continuidades entre as práticas desportivas modernas e tradições africanas de actividade física (Blacking 1987), o contexto de surgimento dos desportos modernos tem especificidades estruturais, como argumentou Elias, que implicam uma ruptura evidente entre as duas realidades. No seu clássico *Usos e Costumes dos Bantu*, Henri Junod descreveu os jogos e passatempos dos africanos adultos, onde se incluía «beber cerveja», o «passatempo preferido dos homens no Sul de África» (Junod 2009 [1911-1912] 281). O jogo mais atraente era, no entanto, a *ncwya*, ou jogo das covinhas, que o missionário descreve ao pormenor (id., *ibid.*, 285-287). Descreve também um conjunto de jogos infantis (id., *ibid.*, 90-94). Junod fez ainda referência à pesca e à caça, «os grandes desportos indígenas» (id., *ibid.*, 287), embora afirmasse que estas actividades são «naturalmente, também trabalho» (id., *ibid.*, 278). O caso da caça apresenta precisamente um caso particular onde a ruptura entre o tradicional e o moderno se torna evidente. A sua utilização enquanto actividade de sobrevivência das populações locais contrastou com as suas apropriações desportivas, mas também comerciais, por parte dos colonizadores (McKenzie 1988; Steinhart 2006).

⁸ Para um trabalho sobre Moçambique que corresponde a um exercício de antropologia histórica «vindo de baixo», v. West (2005).

⁹ Num contexto social diferente, uma comunidade rural no País de Gales, o antropólogo Ronald Frankenberg, colega dos antropólogos africanistas de Manchester e do Rhodes Livingstone Institute, estudou a importância das associações desportivas como um recurso de poder comunitário (Frankenberg 1999 [1957]).

¹⁰ No seu clássico *Kalela Dance*, Mitchell criou um observatório performativo a partir do qual examinou o processo de integração no Copperbelt. O trabalho de antropólogos, como Mitchell, filiados no *Rhodes Livingstone Institute*, instituto fundado na Rodésia do Norte em 1937, sob o patrocínio do British Colonial Office (Hannerz 1980, 119-162; Kuper 1996; Assad 1993, 314-324), apesar de focado na questão funcionalista da adaptação e da estabilidade social urbana, procurou encontrar soluções metodológicas e teóricas para responder a um conjunto de novos problemas suscitados pela urbanização colonial.

tebol foi o modo como aplicou a uma prática desportiva princípios de interpretação usualmente destinados a outras actividades, como, por exemplo, a análise da produção artística. Tratava-se, no caso do poeta, de exaltar a capacidade de quem adopta e de sugerir que a linguagem básica destas actividades, embora de natureza muito distinta, assume representações do mundo envolvente e de experiências diversas, oferecendo uma interpretação do processo histórico e social. Actividade central nas práticas de lazer e dos consumos, sobretudo a partir do século XX, marginalizada pela investigação académica, o futebol podia integrar-se assim nos trabalhos de uma «ciência das obras» (Bourdieu 1996). Tratava-se de perseguir, como enunciou Raymond Williams para os estudos sobre literatura, a determinação da «fusão do elemento formal e do significado como resultado de um processo de desenvolvimento social» (Williams 1977, 37).

Por intermédio da linguagem do jogo seria possível aceder a vivências de populações com pouco acesso a meios de expressão e de registo das suas práticas, estratégias e representações do mundo. A concretização deste programa de investigação sugeria a utilização de instrumentos teóricos e metodológicos que permitissem, simultaneamente, recuperar esta linguagem e integrá-la em regimes de causalidade mais amplos. Isto implicava dois passos suplementares. Em primeiro lugar, considerar a linguagem do jogo procedente não apenas das acções dos jogadores ou de todos aqueles próximos da produção do jogo, mas também das classificações e esquemas de apreciações partilhados pelo público. O papel do público na delimitação de espaço dos possíveis estilísticos sugeria a importância de investigar o efeito das suas experiências sociais e representações do mundo sobre o estilo de jogo, vertidas na valorização de determinados gestos em detrimento de outros. A cultura popular, manifestando-se no consumo do espectáculo do futebol, assumia-se também com um «lugar» do estudo de práticas e representações dos grupos sociais presentes em interacções quotidianas que não deixam registo. O exame dos usos de um conhecimento particular e da sua função quotidiana de-

pende da recuperação de quadros da organização quotidiana e das convenções que ordenavam ordens da interacção situadas, neste caso, nos diversos espaços da cidade colonial de Lourenço Marques. Em segundo lugar, a investigação da linguagem do jogo exige a avaliação da evolução de processos de racionalização da sua linguagem formal, decorrente da autonomização de campos de actividade específicos.¹¹ O «estilo de jogo» resulta então de um conjunto amplo de relações e interdependências. Este facto é ainda mais saliente, encontrando-se o futebol no âmbito da cultura popular urbana.

O estudo das dinâmicas e tensões presentes num jogo de futebol consentia o acesso a uma história processual feita corpo, uma história incorporada (Bourdieu 1989, 75-106), base de práticas, de representações, de interesses e de estratégias que muitas vezes permanecem ocultos, recalcados por leituras do processo colonial que integram os processos sociais em narrativas económicas, políticas, nacionais, ideológicas ou imperiais. A discussão do «caso colonial português» a partir das dinâmicas de um jogo de futebol interpreta uma experiência situada e particular de um processo social, procurando não reificar a existência de um agencialismo nacional.¹² Na análise do futebol este tipo de agencialismo exprime-se na naturalização de uma estética dependente de referentes externos (nacionais, étnicos, culturais ou políticos) que transcorre para os esquemas de interpretação partilhados pelos adeptos do jogo, naturalizando os próprios princípios de que se assume como um reflexo: a nação, a raça, a identidade, a cultura (o estilo brasileiro, o estilo africano, o estilo inglês). A proposta de Elias, relacionando o corpo dos jogadores com uma cons-

¹¹ No contexto dos estudos sobre a arte, o conceito de «campo» proposto por Bourdieu (1996) e o conceito de «mundos da arte» (*artworlds*) utilizado por Howard Becker (2010 [1982]) definiam este espaço de relações próprio.

¹² A assunção de um agencialismo nacional ou imperial, sustentado pela reificação de sujeitos históricos, «o colonialismo inglês fez», o «império agiu», «o colonialismo português foi», ou por lógicas de adjectivação holista que sintetizam em palavras, com leituras políticas (como para o caso do império português em África, o «colonialismo não económico» [Hammond 1966], «o colonialismo dos fracassos» [Filho 2004, 21-59] ou «o ultracolonialismo» [Anderson 1966]), processos complexos nos quais a dominação não se fica pelos aparelhos institucionais, mas se estende pelas formas de percepção dos indivíduos, tornam as narrativas históricas instrumentos de absolvição ou condenação destes sujeitos colectivos nacionais, confinando a análise de dinâmicas mais largas, fundamentais para perceber as acções e interesses de indivíduos e grupos e os seus contextos de produção de sentido. Alguns trabalhos sobre o «terceiro império português», evitando a retórica do excepcionalismo português, salientaram, por exemplo, a importância da sua dimensão económica no âmbito das características estruturais que definiam o projecto colonial (Alexandre 1979; Clarence-Smith 1985).

A proposta de uma análise situacional e dos estudos de casos alargados (*extended case method*), como a *kalela*, que caracterizaram a escola de Manchester, sustentou-se na inovadora utilização de conceitos como redes sociais (*social networks*) (Mitchell 1969; Hannerz 1980, 163-200; Cooper 2005, 33-55). Terence Ranger, quase vinte anos depois da *kalela*, publicou *Dance and Society in Eastern Africa* (1975), utilizando uma dança, o *mbeni*, um antepassado da *kalela* estudada por Mitchell, para examinar a história política da África oriental na sua longa duração. Apesar de escapar a uma definição de prática desportiva, o clássico de Geertz sobre a luta de galos no Bali constitui-se como um caso de análise de situação a partir do qual se procura investigar toda uma ordem simbólica (Geertz 1973).

telação de relações e interdependências situadas, evitava interpretar o gesto como mera consequência de uma acção individual, do esforço ou da sorte, ou das inferências causais prescritivas.¹³

Na capital de Moçambique o futebol, inscrustado numa cultura popular urbana, envolveu-se com as relações quotidianas, reflectiu formas de dominação, mas também a acção, as lutas práticas e simbólicas e as expectativas e visões do mundo de indivíduos e grupos. Como as dinâmicas entre os jogadores dentro do campo, o consumo do futebol no subúrbio de Lourenço Marques proporcionava, a partir da cultura popular, um observatório particular de interpretação da situação colonial e da sua transformação.¹⁴

É a partir desta base que se procurará desenvolver o projecto de investigação do jogo suburbano enunciado por José Craveirinha.

*

A esta introdução seguem-se onze capítulos. Os dois seguintes centram-se na relação entre o futebol e o corpo, foco a partir do qual se dará conta de um processo histórico singular. O «corpo no jogo» projecta uma pesquisa do futebol enquanto prática corporal. A articulação de um conjunto de conceitos («padrão de jogo», «ordem da interacção», «*habitus* motor», «repertório motor», «economia das práticas e das trocas simbólicas») procura oferecer à narração histórica um dispositivo de ligação entre a linguagem formal do jogo e o contexto em que é produzido. No «jogo no corpo» assinalam-se os efeitos da transformação do futebol num espectáculo público integrante numa cultura popular emergente, base de práticas e representações, de julgamentos éticos e estéticos e de uma forma particular de participação social quotidiana.

¹³Nas versões mais sofisticadas deste externalismo, o estilo de jogo pode manifestar a lógica de um sistema económico (o capitalismo), político (o comunismo), de um mecanismo de dominação específico, como a teoria do laço cultural aplicada ao projecto colonialista, ou uma troca cultural, analisada, por exemplo, por conceitos como criouliização (Hannerz 1997), produtores de um estilo de jogo criouliizado.

¹⁴As múltiplas dinâmicas que envolvem o estudo do corpo, um objecto marginalizado na história das ciências sociais, justificaram a criação de uma área de estudos especializada. A pesquisa sobre o corpo, promovida por autores como Turner (1984 e 1992), Farnell (1999), Shilling (1993), Meilior e Shilling (1997), Williams e Bendelow (1998), Falk (1994), Martin (1994) e por publicações como o jornal *Body and Society* (n. 1995), sustentou a formação de cânones de referências, entre as quais se encontram Marcel Mauss (1989 [1935], 97), Hertz (1960 [1909]) e Merleau-Ponty (1942). Dir-se-ia, no entanto, que a especialização, como, aliás, noutras áreas, parece redundar numa marginalização de segundo grau, ao afastar o corpo do centro da pesquisa e da teoria em ciências sociais, confinando-o a um conjunto de debates relativamente circunscritos.

O capítulo 4, «Uma desportivização colonial», descreve a introdução de práticas desportivas em Lourenço Marques, referindo-se aos principais agentes disseminadores e ao surgimento de uma cultura popular urbana. Trata, por um lado, do universo «cidade de cimento» e da relação das suas populações com as práticas desportivas. Por outro, refere-se à tensão entre as políticas do Estado colonial e a actividade promovida por um emergente associativismo desportivo, de modo distinto ambos agentes de legitimação das bases do sistema de organização social. No capítulo seguinte, «O corpo e a cidade do Estado», examinam-se os fundamentos ideológicos do modelo de práticas físicas montado pelo Estado Novo na década de 30. Embora a inscrição deste modelo no espaço colonial tenha sido frágil, como, aliás, sucedeu na metrópole, a identificação de uma concepção ideológica de movimento corporal representava um projecto de sociedade concebido a partir do corpo. Metáfora social, célula de uma vida comunitária, a política de movimento pensada pelo regime servia de contraponto comparativo ao estudo do jogo de futebol no subúrbio de Lourenço Marques. O capítulo imediato, «O futebol no subúrbio de Lourenço Marques», descreve precisamente o modo como o futebol se envolveu com o processo de construção suburbana, como se transformou num espectáculo local, como serviu para vincar identidades, mas também para formar laços entre os elementos de uma comunidade.

Em «Uma ordem da interacção suburbana» (capítulo 7) inicia-se a interpretação da linguagem do futebol do subúrbio. Com base num conjunto de termos coligidos pelo poeta e jornalista José Craveirinha, que designavam alguns dos gestos predominantes no jogo de futebol suburbano, procura-se identificar as principais características do jogo local, os gestos e movimentos mais valorizados por jogadores e públicos e a sua moralidade. De seguida, em «A construção social da malícia e os subúrbios de Lourenço Marques», procura-se correlacionar a lógica prática e as mundividências inerentes a este jogo com o processo de crescimento do subúrbio de Lourenço Marques sob o domínio colonial, nomeadamente a partir da formação de um contrato social suburbano enquadrado pelo sistema de reprodução da mão-de-obra e pelo tipo de intervenção do Estado. O exame desta relação de homologia prolonga-se pela observação do papel específico, no jogo e na vida quotidiana no subúrbio, de um conjunto de práticas e crenças locais partilhadas pela população local («As 'práticas feiticistas' como elemento de uma economia simbólica»). Em a «Doçura e velocidade: a tática como desencantamento do mundo» interpreta-se o contraste entre o jogo de futebol suburbano e a lógica de racionalização dos gestos e movimentos dos jogadores inerente à aplica-

ção de esquemas táticos, método organizado para responder ao problema do resultado, mas que partilhava características com a dinâmica de processos históricos modernizadores. O capítulo 10, «Narrativas futebolísticas e rituais sociais», interroga o papel da cultura popular na última fase do colonialismo português em Moçambique. A evolução das três narrativas futebolísticas dominantes nas práticas de lazer que despontaram durante o século XX na cidade, a «suburbana», a «da baixa» e a «metropolitana», permite interpretar a constituição e morfologia de redes sociais urbanas e a forma como estas se relacionaram com o desenvolvimento das formas de poder colonial. Por fim, em «História incorporada» recuperam-se os principais pontos do livro, afirmando a importância de uma história incorporada, sustentáculos de hábitos urbanos, rotinas sociais e formas de ver o mundo para compreender as práticas e representações dos grupos.